

JOSÉ RUIVINHO BRAZÃO (COORDENADOR), *OS PROVÉRBIOS ESTÃO VIVOS NO ALGARVE*, LISBOA, EDITORIAL NOTÍCIAS, 1998, 367 PP.

Ana Cristina M. Lopes*

A obra em apreço é uma colectânea de 3638 provérbios, 1211 “expressões, máximas e comparações proverbiais” e 147 “provérbios em rimas e rimas com provérbios”, recolhidos na freguesia de Paderne, concelho de Albufeira. O volume foi coordenado por José Ruivinho Brazão, que contou com a colaboração de Dulcelina M. Coelho da Silva, Maria Isabel de Oliveira Maia Lima e Maria Solange P. Coelho da Silva. Para além do vasto material compilado, a obra integra ainda um Prefácio de Arnaldo Saraiva, uma Introdução extensa e um Índice remissivo da responsabilidade de Ruivinho Brazão.

Trata-se inegavelmente de um trabalho relevante no âmbito da paremiologia, tanto mais que não são numerosas, em Portugal, as recolhas de textos da literatura de transmissão oral baseadas em trabalho de campo rigoroso. Obras deste tipo, que visam preservar e dar a conhecer uma forma de literatura não canónica de algum modo ameaçada pela dinâmica do próprio processo histórico, constituem pólos de resistência e de afirmação das identidades locais, numa época dominada pela globalização unidimensional.

Na Introdução, explicitam-se os critérios que presidiram à selecção dos enunciados registados: todos eles são reconhecidos pelos membros da comunidade, tendo sido testados por múltiplos informantes. Assim, garante-se a vitalidade do material reunido e reafirma-se como único critério de legitimação da literatura oral tradicional o consenso comunitário. Os textos são transcritos tal como foram ouvidos, o que significa que se respeitaram particularidades fonéticas, morfossintáticas e lexicais de índole regional e/ou popular. Também se registaram as variantes dos provérbios, decisão que nos parece acertada na medida em que os textos da literatura oral não apresentam uma fixidez formal absoluta. Quando a interpretação de um provérbio não é linear, explicita-se em rodapé o contexto em que foi (re)produzido, de modo a facultar chaves de leitura. Estabelecem-se ainda correspondências entre os provérbios coligidos no Algarve e aqueles que aparecem no *Rifoneiro Português*, de Pedro Chaves, considerada a colectânea mais credível de todas quantas foram publicadas em Portugal.

A Introdução consagra algumas páginas à definição de alguns conceitos operatórios, indispensáveis para a classificação do material. As opções terminológicas e conceptuais nem sempre são pacíficas. Aliás, todos aqueles que algum dia trabalharam no âmbito do universo paremiológico conhecem a dificuldade de delimitação de fronteiras conceptuais precisas entre “provérbio”, “adágio”, “rifão”, “ditado”, “anexim” e “máxima”. É difícil tentar uma definição unívoca de cada um destes termos, já que as propostas disponíveis são múltiplas e contraditórias. De qualquer modo, Ruivinho Brazão opta pelo termo “provérbio” e caracteriza-o recorrendo à fórmula BRSMN, em que B corresponde a brevidade, R ao ritmo (geralmente binário), S a simetria, M a metáfora e N a norma. De todos os traços apontados, a referência à metáfora parece-nos o mais problemático, uma vez que há numerosos provérbios cuja interpretação-padrão coincide com o seu

* Instituto de Língua e Literatura Portuguesas. Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. 3000-447 Coimbra. Portugal.

significado literal, composicionalmente processado. Aliás o próprio autor da Introdução reconhece que a metáfora não é um traço definatório do texto proverbial. Por outro lado, é questionável que a “preferência pelos modos injuntivos” seja um traço distintivo das máximas, face aos provérbios: com efeito, a partir do momento em que se admite que o provérbio veicula uma norma ou uma advertência, a ocorrência de formas de imperativo deveria ser contemplada.

Parece-nos também que há alguma incongruência entre o título da obra, onde se referem apenas os provérbios, e a decisão de nela incluir as chamadas “expressões ou locuções proverbiais”: de facto, estas últimas são expressões idiomáticas, susceptíveis de serem estudadas no âmbito da fraseologia, sem dúvida, mas de modo algum assimiláveis a textos da literatura oral. Uma última observação crítica prende-se com a designação “comparações proverbiais” e com a afirmação de que a “estrutura dos provérbios não privilegia o recurso à comparação” (nota 58, p. 29). São muitos os provérbios que expressam conexões comparativas, como aliás a colectânea que estamos a analisar bem ilustra (vejam-se os provérbios “Mais vale um pássaro preso que dois a voar”, “Antes morrer que sofrer”, “É mais fácil apanhar um mentiroso que um coxo”, “Tal pai, tal filho”, “Como me tratares, assim te tratarei”, entre tantos outros), pelo que a afirmação citada nos gera alguma perplexidade.

Independentemente destas observações críticas pontuais, reafirmamos a seriedade do trabalho no campo dos estudos paremiológicos. Para além de contribuir para a afirmação desta área específica do saber, a colectânea oferece abundante material que pode vir a ser explorado em estudos de carácter linguístico e etnográfico.